

**Artigo:****Telejornais: técnica, texto e contexto: um exercício de leitura crítica e cidadania<sup>1</sup>****Autora: Ivete Cardoso do Carmo Roldão<sup>2</sup>****Pontifícia Universidade Católica de Campinas****Resumo:**

É cada vez mais evidente a necessidade de que a sociedade entenda o funcionamento dos meios de comunicação para que possa ler de forma adequada as suas mensagens. Assim, esta pesquisa verifica em que medida diferentes grupos fazem a leitura dos telejornais e busca identificar um modo de análise que possibilite a multiplicação dessa leitura. Trata-se de uma pesquisa ação, realizada com agentes pastorais da Igreja Católica e universitários, utilizando a técnica de grupos focais. O objeto de análise foi o Jornal Nacional e o Jornal da Cultura. O referencial bibliográfico se baseou, entre outros, nos trabalhos do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Foram considerados, ainda, estudos de recepção: MARTIN-BARBERO (1995 e 1997).

**Palavras Chave:** televisão; telejornais; leitura crítica; cidadania

É imprescindível que a sociedade entenda como a mídia funciona e saiba compreender o que se lê, se vê e se ouve nos meios de comunicação. Esta é uma tarefa difícil, mesmo considerando que a integração da comunicação com a educação seja, cada vez mais, uma preocupação entre educadores e comunicadores. De acordo com SOARES (2002: 17) “O conceito de Educomunicação vem ganhando, na verdade, fórum de cidadania nos últimos anos”.

A necessidade de que a sociedade tenha uma visão crítica em relação aos conteúdos dos meios de comunicação é mais evidente quando se trata da televisão. A retração do mercado publicitário faz com que esse veículo busque a audiência, deixando de lado a preocupação com a qualidade da programação. Além disso, com a entrada da Internet e das TVs pagas no mercado, houve uma mudança parcial do perfil do telespectador, fazendo com que as emissoras de TV aberta dirigissem a sua programação para as classes mais populares. A televisão aberta, mesmo com todos os avanços tecnológicos, é ainda a principal referência para a maioria da população brasileira situada nas faixas C, D e E. Por outro lado, em 2001, as classes A e B respondiam por 81% dos 3,4 milhões de lares com TV por assinatura (VEJA, 2001: 142).

Mesmo com os problemas financeiros que enfrentam os veículos de comunicação<sup>3</sup> os números que movimentam o mercado da TV aberta são altos. Para se ter uma idéia, cada ponto de audiência perdido representava para a Rede Globo no ano 2000, cerca de R\$ 45 milhões a menos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 11 – Comunicação Educativa, do V Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Jornalista e Mestre em Educação pela PUC - Campinas; Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP; Professora de Telejornalismo da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas e participa do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política da mesma Universidade.

email: [carmo-roldao@puc-campinas.edu.br](mailto:carmo-roldao@puc-campinas.edu.br)

<sup>3</sup> Sobre este assunto ver *ONDE FALTA PÃO*, reportagem publicada na revista Carta Capital, Ano IX, nº 227, 12 de fevereiro de 2003, p. 50-4.

no faturamento. “Embora a Rede Globo não revele, fontes do setor avaliaram o seu faturamento de 1999 em torno de R\$ 3,3 bilhões” (MATTOS, 2000: 157). Por isso mesmo, as emissoras buscam todas as alternativas possíveis para não perder audiência. No Brasil, essa busca significa, muitas vezes, rebaixar a qualidade.

Dentro dessa programação se insere o telejornalismo, que ganhou destaque nos últimos trinta anos. Mesmo assim, o jornalismo ocupa, se comparado ao tempo destinado às telenovelas e outros programas de entretenimento, um espaço pequeno da grade das emissoras de TV. Todavia o jornalismo transmitido através da televisão, de acordo com diversos estudos e pesquisas, é uma das principais fontes de informação de grande parte da população brasileira.

Nesse contexto, no qual se explicita a importância de desenvolvimento de estudos cuja aplicação resulte na leitura crítica da televisão, esta pesquisa procurou: verificar, em que medida, integrantes de diferentes grupos sociais fazem a leitura crítica dos conteúdos recebidos pelos telejornais; demonstrar a possibilidade de formar “cidadãos alfabetizados em mídia”, através do estudo das relações que permeiam a produção do telejornalismo; identificar um modo de análise que possibilite a multiplicação das vozes capazes de decifrar o significado das diferentes ideologias e interesses implícitos nas informações transmitidas. Esta pesquisa ação tem ainda como meta, auxiliar os grupos a fazerem uma leitura crítica de um meio de comunicação (a televisão) e também contribuir para a multiplicação de vozes com esse mesmo intuito.

Compartilhamos da opinião de GRAMSCI (1968) de que os intelectuais têm uma função nos grupos sociais a que se ligam, sendo um erro desvincular a atividade intelectual das relações sociais. Esta idéia se faz presente no contexto atual, quando diversos estudiosos passam a chamar a atenção de comunicadores e educadores para a sua responsabilidade de educar cidadãos no sentido de desenvolver a leitura crítica da mídia.

É importante salientar que utilizamos como referência o conceito de cidadania de MARTINS (2000: 58):

Cidadania é a participação dos indivíduos de uma determinada comunidade em busca da igualdade em todos os campos que compõe a realidade humana, mediante a luta pela conquista e ampliação dos direitos civis, políticos e sociais, objetivando a posse dos bens materiais, simbólicos e sociais, contrapondo-se à hegemonia dominante na sociedade de classes”.

Assim, concordamos também com CALDAS (2002: 135), quando diz que: “Conscientizar as pessoas por meio da mídia e com o apoio da escola, da família e do ambiente profissional é pressuposto para uma sociedade emancipada.”

No que diz respeito ao papel da Universidade, de acordo com SILVERSTONE (2002: 267) “nós, estudiosos da mídia, temos a responsabilidade de nos engajar com o mundo que foi o objeto

de nossa atenção. A fronteira que separa a academia do mundo concreto não pode mais, pelo menos nesta área, ser defendida.”

Desta forma, compreendemos que o conhecimento de como se desenvolve a produção do jornalismo na televisão - restrito àqueles que fazem parte do cotidiano de uma redação e a estudiosos da mídia - precisa ser compreendido também pelos telespectadores. Mas apenas isso não basta. É preciso que eles tenham a dimensão das relações econômicas e políticas que envolvem o processo, já que uma grande parcela dos meios de comunicação possui relações com outros segmentos empresariais e também porque a informação atualmente, mais do que nunca, é vista como “um negócio”. Além disso, é também evidente a intrínseca relação dos empresários da comunicação com as decisões tomadas por aqueles que detêm o poder na política brasileira.

De acordo com POPPER (1995: 30), “não pode haver democracia se não submetemos a televisão a um controle, ou, para falar com mais precisão, a democracia não pode subsistir de uma forma duradoura enquanto o poder da televisão não for totalmente esclarecido.”

Este conhecimento será um instrumento através do qual diversos grupos, principalmente aqueles que constituem as classes politicamente dominadas, “passarão a intensificar sua postura crítica, sua análise de conteúdo e forma, diante dos órgãos de comunicação.” (ABRAMO, 2003: 49). É preciso deixar claro que, conforme afirma MORAN (1991: 53) “não se trata de afastar as pessoas dos jornais e telejornais, mas de ajudá-los a perceber melhor o contexto da informação, alguns mecanismos internos da informação como indústria e produto, despertando nelas a necessidade de comparar as notícias, sem deixar se levar pela primeira fonte”

A importância desta pesquisa se dá na medida em que contribui nesta tarefa, no campo da Educomunicação, cujo reconhecimento pode ser comprovado, inclusive, pelo Fórum sobre Mídia e Educação, promovido no Brasil pelo Ministério da Educação, em 1999: “... reconhecemos a inter-relação entre comunicação e educação como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a educação”.<sup>4</sup>

### **A utilização de grupos focais x intervenção pedagógica**

Trata-se de uma pesquisa ação, que visa a alteração de uma realidade identificada. Foram formados dois grupos: o primeiro grupo constituído por dez alunos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e o segundo por oito agentes pastorais da igreja católica, com atuação na Pastoral da Comunicação e em outros grupos.

Escolhemos como objeto para análise dois telejornais de horário nobre: Jornal Nacional (Rede Globo) e Jornal da Cultura (TV Cultura). Eles foram escolhidos pela sua importância para o

telejornalismo brasileiro: O *Jornal Nacional* no ar, desde 1º de setembro de 1969, tem a maior audiência em todo o país<sup>5</sup>. Assim, é impossível não reconhecer a importância desse telejornal, não só por ser o primeiro de abrangência nacional, mas também por sua referência como ponto de encontro nacional; Já o *Jornal da Cultura* é veiculado em uma emissora educativa: A TV Cultura de São Paulo. Apesar das limitações financeiras, a emissora leva ao ar programas jornalísticos que procuram sempre ir além do simples informar. A análise dos fatos importantes, através de entrevistas e comentários, é um diferencial no jornalismo da TV Cultura. Os telejornais foram gravados para poderem ser analisados em conjunto com os membros dos grupos. A amostragem foi composta por quatro edições de cada um.

Durante os encontros, que foram organizados visando atender os objetivos propostos neste projeto de pesquisa, foi desenvolvida a técnica de grupos focais, que de acordo com CRUZ NETO (2002: 5), é:

uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico.

Esta técnica permite trabalhar com a reflexão expressa através da “fala” dos participantes. Assim eles podem apresentar e debater suas impressões sobre o tema em curso a partir de um roteiro organizado, possibilitando o aprofundamento das informações.

O processo metodológico que norteou a organização dos dez encontros teve início com um questionário para identificação do perfil dos participantes. De acordo com MORAN (1991: 30) “É fundamental que o grupo explicita a visão do mundo, o estágio de avaliação em que se encontra, para que a análise crítica não se transforme num trabalho de doutrinação e direcionamento ideológico.”

No segundo e terceiro encontros também foi utilizada a técnica de grupos focais. Do quarto ao sétimo encontro foi realizada a intervenção pedagógica que permitiu ao grupo a aquisição de conhecimento sobre as técnicas utilizadas para produção dos mesmos e o debate sobre as questões pertinentes ao tema. O programa da intervenção pedagógica enfocou temas como: a TV no Brasil: da Tupi à supremacia da Globo; painel da política de concessões (do governo Militar ao atual governo de Luís Inácio Lula da Silva); o que é jornalismo na televisão; a informação vista como um negócio; linha editorial e público alvo; a equipe de telejornalismo e suas rotinas de produção; quais as formas de se transmitir uma notícia no telejornalismo; a pauta e a produção no telejornalismo; a importância da imagem no telejornalismo; a espetacularização da notícia; a

---

<sup>4</sup> Ministério da Educação. *Mídia & Educação*. Perspectivas para a qualidade de informação, recomendações. Brasília:MEC,2000, p.24.

(re)estruturação da reportagem: os critérios na escolha de textos e imagens; a apresentação (estilo de narração: entonação, pronúncia e dicção); O “poder” dos repórteres e apresentadores e dos telejornais.

Nos oitavo e nono encontros foi repetida a utilização da técnica de grupos focais, porém com um roteiro prévio de análise, no qual pedia-se que os participantes prestassem atenção em alguns pontos como: frase ou palavra que apresente juízo de valor ou dupla interpretação; imagem que vale a pena destacar; quem fala na reportagem; qual foi o papel do repórter/apresentador. No décimo encontro foi feita a avaliação final pelo grupo.

A pesquisa se referenciou em trabalhos do núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, coordenado pelo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, que defende a importância desse novo campo interdisciplinar. A Educomunicação, segundo SOARES (2000: 137) é um campo de planejamento e execução de políticas de comunicação e educação com o objetivo de criar, planejar sistemas comunicativos mediando o uso das tecnologias da informação. Buscamos também outras experiências de leitura crítica da comunicação ou de educação para os meios de comunicação na América Latina, tendo como base MORAN (1991 e 1993), FISCHER (2001), bem como ABRAMO (2003). Foram considerados, ainda, estudos de recepção, em especial MARTIN-BARBERO (1995 e 1997), e, ainda, bibliografia sobre a técnica de grupos focais.

### **A desconstrução dos telejornais**

*Cláudia: Se você assiste todo dia ao mesmo telejornal, você começa a ver o mundo da maneira que a pessoa que faz o telejornal está vendo. Se você só vê aquilo, a sua visão de mundo vai ser aquilo que você viu pela TV. (Grupo de Universitários)*

*João: As pessoas assistem novelas, que são ficção e choram. As pessoas vêem uma tragédia no jornal e falam graças a Deus não foi comigo. Eu acho essa coisa das pessoas gostarem de ver tragédia, é um pouco assim, diminui um pouco a sua própria tragédia pessoal, sua própria limitação, a sua condição de vida. Elas se sentem um pouco melhores, mais consoladas. (Grupo de Agentes Pastorais)*

Depoimentos como estes ilustram a nossa primeira constatação: os membros dos dois grupos, de forma geral, já tinham alguma possibilidade de elaboração crítica em relação à televisão e as informações recebidas pelos telejornais. A visão que apresentam acerca da qualidade da programação da televisão, demonstra que eles têm consciência sobre a alienação preponderante principalmente nas novelas e programas de entretenimento, do sensacionalismo e da violência, aliados à fragmentação e à superficialidade do telejornalismo, embora tenham sido raros os depoimentos em referência às relações políticas que envolvem toda a estrutura dos meios de

---

<sup>5</sup> O Jornal Nacional é o telejornal mais assistido da TV brasileira. Conforme dados do Ibope, na semana de 09 a 15 de setembro de 2002, alcançou 42 pontos de audiência na grande Rio de Janeiro e 33 pontos na grande São Paulo, ficando em segundo lugar entre

comunicação, principalmente a televisão. Foi possível detectar também que a compreensão mais ampla da informação – com um grau de conhecimento que requer que o telespectador seja capaz de questionar possíveis estratégias da mídia - era privilégio de poucos nos dois grupos em questão.

Através das falas que se desenrolaram durante o diálogo dos componentes, sobre como a televisão, em especial os telejornais, mostra a realidade e a influência da TV na sociedade, foi possível perceber uma riqueza de visões que ora se completavam e ora se contrapunham. Como já era previsto nem sempre houve consenso, assim, os pontos de vista foram expostos e debatidos, fazendo com que as opiniões individuais fossem um instrumento de aprendizado para o coletivo, como neste caso quando o grupo de Agentes Pastorais analisava a reportagem sobre o governo argentino ter anunciado o pagamento de uma parcela da dívida para o Fundo Monetário Internacional:

*Marta: Eu achei um pouquinho longa na Cultura. Você está assistindo ao JN, parece que é tudo 'flash'. Aí quando você pega um outro tipo de jornal, você vai ficar bem mais informado. Mas eu não sei se as pessoas têm interesse.*

*José Alberto: O assunto é complexo. O JN enfatizou muito o pagamento. Já o JC fez a notícia comentada. (...) Eu achei a Cultura um pouquinho mais esclarecedora para quem estivesse interessado em se aprofundar no assunto.*

A possibilidade de formar “cidadãos alfabetizados em mídia”, através do estudo das relações que permeiam a produção do telejornalismo, pôde ser parcialmente demonstrada. Concluimos, entretanto, que o termo “alfabetizado” é muito fechado, totalizador. O resultado desta pesquisa, que está inclusa em uma área denominada educação para os meios, se identifica, de acordo com a classificação de SOARES (2002: 21) com a vertente culturalista “que busca garantir aos educandos os conhecimentos necessários para que os mesmos adquiram o hábito de ler de forma adequada as mensagens dos meios”.

As pessoas que participaram dos grupos em questão já tinham uma visão, que pode ser considerada crítica, da televisão, seja pelo conhecimento adquirido na escola (em menor grau) ou pela participação em atividades na igreja ou nos movimentos sociais (em maior grau). O que procuramos desenvolver no trabalho realizado com os dois grupos, foi embasar esses conhecimentos, reforçando, assim, a necessidade e o hábito de fazer a leitura dos meios, como eles próprios explicitaram em seus depoimentos durante a avaliação:

*Ricardo: A partir desse projeto produzi a capacidade de centralizar o contexto ... por exemplo numa reportagem, olhar as peculiaridades que têm, coisas que podem muitas vezes passar batido. (Grupo de Universitários)*

*Carolina: Eu aprendi a ver com uma visão mais crítica, eu já tinha essa visão da Faculdade.. Eu aprendi assistir não só um telejornal, mas outro, de outra emissora. (Grupo de Agentes Pastorais)*

Finalmente chegamos ao resultado principal desta pesquisa: identificar um modo de análise que possibilite a multiplicação das vozes capazes de decifrar o significado das diferentes ideologias e interesses implícitos nas informações transmitidas para a população. Antes, porém, é importante salientar alguns equívocos detectados que servirão para reflexão e aprendizado.

Foi vivenciada uma dificuldade muito grande na constituição dos grupos. Assim, qualquer projeto de leitura dos meios de comunicação deve ser feito com um grupo constituído a partir do local de origem do mesmo. Parafraseando Milton Nascimento e Fernando Brant, “o pesquisador deve ir onde o grupo está”. Ou seja, procurar um espaço em locais onde o grupo já costuma se reunir, como na escola, na igreja, na associação de moradores, etc. Foi possível observar que quando é necessário se deslocar para um local específico e um determinado horário para aquela atividade, as condições adversas podem reduzir o interesse.

Outra questão que considero importante salientar é que, no caso desta pesquisa, a escolha dos dois telejornais se deu de acordo com critérios já explicitados, entretanto pôde ser observado que para trabalhos futuros, a decisão sobre o que será analisado deve ser tomada em conjunto com o grupo, a partir do que o mesmo já assiste cotidianamente, pois assim haverá uma análise mais completa do programa e não apenas das edições examinadas.

Logo no início dos encontros puderam ser detectadas algumas desistências no grupo de agentes pastorais. Acreditamos que, além da questão do horário, as desistências ocorreram também por parte de pessoas com alguma dificuldade em acompanhar o debate. Assim, é possível concluir que na formação do grupo o critério deve ser, não só o nível de escolaridade, mas também o interesse comum, seja sobre política, economia ou outras questões sociais, para que haja uma identidade maior entre os componentes do mesmo.

Como ponto positivo detectamos que as pessoas que permaneceram no grupo tiveram interesse crescente pelos debates e os conhecimentos adquiridos, entretanto houve um entusiasmo maior pelas atividades práticas com utilização de telejornais. Aliás, é importante reforçar que a comparação de dois produtos semelhantes, - no caso, dois telejornais de rede veiculados em horário nobre, - teve uma repercussão extremamente positiva nos dois grupos, como pode ser observado nestes depoimentos dos universitários:

*Douglas: Eu acho que a diferença é muito grande, até mesmo pelo cenário. A maneira que os jornalistas conduzem a notícia. Você vê que na Globo eles apresentam a notícia, mas não fazem um comentário pessoal.. Na entrevista, o jornalista vai incitando.*

*Marialba: A Globo não dá este espaço para pensar. A Cultura já dá esse espaço, quando você faz uma entrevista com alguém, você pensa depois sobre a entrevista, você pensa sobre o que a pessoa falou .*

## **A construção de uma proposta**

Serão explicitadas, a seguir, as diretrizes para uma proposta de trabalho pedagógico que auxilie as pessoas a fazerem a leitura dos conteúdos exibidos na TV, em especial no que se refere aos telejornais. A idéia, contudo, não é apresentar um roteiro fechado, mas sim, apontar caminhos para que comunicadores, educadores ou mesmo outro tipo de liderança possam coordenar grupos com esse objetivo.

- Identificação do perfil dos participantes;
- Encontros com a utilização da técnica de grupos focais a partir da qual o grupo faça a discussão;
- Decidir junto com o grupo a partir de quais telejornais ou outros programas será o debate, buscando escolher produtos que façam parte dos hábitos daqueles telespectadores;
- Decidir também junto com o grupo a partir de quais temas se dará o debate, procurando buscar àqueles que interessem a todos ou pelo menos à maioria;
- A intervenção pedagógica deve ser realizada através de exposição, utilizando-se de recursos audiovisuais e material impresso básico, tanto para o acompanhamento dos participantes, como também para possibilitar o trabalho de multiplicadores do debate. A exposição deve ser construída a partir do nível cultural dos participantes do grupo, para que todos tenham condições de acompanhar, sem, entretanto, deixar de focar temas estruturais relativos à TV, como por exemplo, como funciona a política de concessões e as técnicas utilizadas na produção televisiva. A importância do conhecimento técnico se dá de acordo com FISCHER (2001: 117) na medida em que:

A leitura audiovisual mais qualificada expande a capacidade de compreender, distinguindo e ao mesmo tempo integrando conteúdos e formas. Apura a percepção visual e auditiva, permitindo identificar e apreciar a composição imagem/som/texto, que é a própria essência dessa linguagem e a fonte de sua atração.

- A responsabilidade do coordenador ou moderador do grupo será sempre a de municiar-se dos conhecimentos necessários para a intervenção pedagógica, que não precisa ter necessariamente o mesmo programa seguido por esta pesquisadora, mas, sim, que tenha uma seqüência de conteúdo que permita aos participantes entenderem a lógica a partir da qual é construída a grade de programação das emissoras, e também, as técnicas que possibilitam a construção das mensagens.
- Durante os encontros o coordenador deve procurar influenciar o menos possível na leitura dos conteúdos, sem deixar, entretanto, de conduzir o debate para propiciar o aprendizado e



possibilitar a participação de todos. Concorde-se com FISCHER (2001: 120) “que fazer boas perguntas no processo educativo, é sempre mais produtivo que encontrar respostas imediatas.”

## **Considerações Finais**

É necessário ter claro que esta é apenas uma forma de se fazer a leitura de um produto específico da televisão. Como já foi citado anteriormente, diversos pesquisadores têm se debruçado sobre essa questão e apresentam propostas diversas. A visão que aqui se apresenta reforça a idéia de que o viés político e econômico são de fundamental importância na construção e na leitura de qualquer programa de TV.

Esperamos, portanto, que os resultados obtidos com essa leitura crítica de telejornais sirva, realmente, como um instrumento de construção de cidadania para os participantes da pesquisa e que seus resultados sejam repercutidos entre outros grupos e as vozes multiplicadas, seja através da igreja ou de quaisquer outras formas de organização social. Entretanto acreditamos que o ambiente mais propício para o desenvolvimento de projetos com essa temática seja a escola.

*João: A escola discute muitas vezes família e igreja. Igreja, discute às vezes família e escola. A família, algumas, acompanha a escola, acompanha a igreja. Mas nenhuma das três entidades tem como base fazer um contraponto com a televisão. As famílias não discutem a TV, as escolas não fazem o uso crítico da TV e a igreja usa a TV de outras formas. Acho que falta um movimento contrário. (Grupo de Agentes Pastorais).*

Assim, em uma expectativa mais ampla, defendemos que seja colocada em prática a possibilidade de ter esse conteúdo debatido nos currículos escolares, tanto do ensino fundamental e médio, como também em outros cursos universitários, fora da área de Comunicação. A nova LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (Lei nº 9394/96), garantiu liberdade para a introdução da educação para a comunicação nos currículos. Contudo, segundo SOARES (2002: 24) “Apesar da boa vontade da lei, permanece a dificuldade decorrente da falta de preparo dos docentes, levando em conta que as Faculdades de Educação ainda desconhecem o tema, o que leva os planejadores educacionais a desconsiderarem o assunto”. Dentro desse contexto, acreditamos que este trabalho, junto com outros que estão sendo desenvolvidos em diversos cantos de nosso país, poderá contribuir para colocar a Educomunicação em destaque. Trabalho necessário e importante na atualidade. Afinal, como afirma CITELLI (2000: 36)

O desafio da escola parece ser, cada vez mais, o de apreender analítica e criticamente o que diz televisão, o rádio, o jornal, etc. Posto de outro modo, se a escola deve melhorar seus jogos interlocutivos com os meios, precisa fazê-los, não só para estar em sintonia modernizante com o novo, com o sedutor, mas também para tensionar e desestabilizar, quando necessário, um tipo de mensagem da qual não se exclui o elemento do espetáculo e da manipulação.”

## Referências Bibliográficas

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2003.

CALDAS, Graça. Leitura Crítica da mídia: educação para a cidadania, in **Revista Comunicarte**, n. 25, Campinas (SP) : CLC- Centro de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2002, p. 133-43.

CITELLI, Adilson Odair. Meios de Comunicação e Práticas Escolares, in **Revista Comunicação & Educação** n. 17, São Paulo : ECA/USP, 2000, p. 31-42.

CRUZ NETO, Otávio et al. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**, in XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto : 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação – Fruir e pensar TV**. Belo Horizonte : Autêntica, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 5ª. ed., 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social, in SOUSA, Mauro Wilson de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo : Brasiliense, 1995. p. 39-68.

\_\_\_\_\_. **Dos Meios às Mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro : UFRJ, 1997.

MARTINS, Marcos Francisco. **Ensino Técnico e Globalização – cidadania ou submissão?** Campinas, SP : Autores Associados, 2000.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. Salvador : Ianamá, 2000.

MORAN, José Manuel. **Como ver televisão**. São Paulo : Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Leitura dos Meios de Comunicação**. São Paulo : PASCAT, 1993.

POPPER, Karl & CONDRY, John. **Televisão: um perigo para a democracia**. Lisboa (Portugal) : Gradiva, 1995.

SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar a Mídia?** São Paulo : Loyola, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicación: comunicación y tecnología de la información in la reforma de la enseñanza americana, in **Diálogos de FELAFACS**, n. 59-60, outubro 2000, p. 137-152.

\_\_\_\_\_. Gestão Comunicativa e Educação: Caminhos da Educomunicação, in **Revista Comunicação & Educação** n. 23, São Paulo : ECA/USP, 2002, p. 16-25.

SODRÉ, Muniz. **A Comunicação do Grotesco**. 8. ed., Petrópolis : Vozes, 1980.

**VEJA (revista)**. São Paulo, ano 34, 11.04.2001, p. 142.